

## Uma carta inédita de Cecília Meireles sobre o suicídio do marido (Correia Dias)

Arnaldo Saraiva

Na manhã do dia 19 de Novembro de 1935 uma das três meninas de uma casa do Rio de Janeiro sai do quarto, desce à sala de jantar, e vê o pai dependurado no candeeiro, atado pelo pescoço a um pedaço de uma rede de balançar. Dá um grito, e chama pela mãe, que logo acorre — e “vê”. A menina chamava-se Maria Matilde (embora pudesse tê-la acompanhado a sua irmã Maria Fernanda, que é hoje uma conhecida actriz de teatro, cinema e televisão). O pai chamava-se Fernando Correia Dias, português nascido em 1892 em Penajóia (a 12 km de Lamego), filho de capitão de infantaria, artista polifacetado — pintor, escultor, desenhador, ilustrador, gráfico, ceramista, etc. — que, já com exposições e trabalhos feitos em Portugal e com algum sucesso (veja-se a sua “presença” nas revistas *A Rajada* e *A Águia*), e bem relacionado com alguns dos melhores escritores do tempo, desde Afonso Duarte a Fernando Pessoa, partiu, em 1914, para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro, onde foi bem acolhido por escritores e artistas, e onde se distinguiu sobretudo como gráfico, tendo trabalhado em várias revistas e jornais e feito capas e ilustrações de muitos livros. Em 1922 casou com a jovem poetisa Cecília Meireles, nascida em 1901 no Rio de Janeiro mas de descendência portuguesa, e órfã, muito cedo, de pai e mãe, pelo que fora educada por uma avó açoriana. O casal teria três filhas — além das referidas Maria Matilde e Maria Fernanda, havia a mais velha, Elvira, com menos de dez anos quando o pai morreu (Maria Matilde tinha seis). Claro que a “mãe” a que fizemos referência só podia ser Cecília Meireles, tradutora, organizadora de uma excelente antologia de *Poetas Novos de Portugal*, cronista, conferencista, autora de peças de

teatro e de livros infantis mas, sobretudo, autora de uma vasta e extraordinária obra poética, iniciada em 1919, e com pontos altos como *Viagem*, *Mar Absoluto*, *Retrato Natural* e *Romanceiro da Inconfidência*. A carta que a seguir reproduzimos é uma das muitas cartas que escreveu para os seus amigos portugueses, que eram bem mais do que os brasileiros, e a quem dedicou *Viagem*; além dos que a carta refere, poderíamos acrescentar os nomes de outros como Afonso Duarte, Carlos Queiroz, Vitorino Nemésio, Natércia Freire... Mas desde o seu início se vê que não se trata de uma carta como as outras, ou que se trata, mais do que de uma carta, de um texto de qualidade excepcional, humana e artística, e de um testemunho raro sobre a tragédia do suicídio do seu marido.

As razões dessa tragédia relacionou-as a imprensa do tempo, brasileira e portuguesa, com a “neurastenia” que se abatera sobre Correia Dias sobretudo depois do regresso da viagem, em 1934, a Portugal, onde, segundo me disseram alguns familiares, ele queria passar a viver. Mas há um depoimento de Maria Matilde à *Manchete* (23/1/1982) que refere uma confidência da mãe antes de morrer: “meu pai esperava ser recebido festivamente em Portugal, mas mamãe é que teve sucesso”.

O sucesso da bonita e inteligente e sensível Cecília junto dos portugueses foi tão notório quanto o apagamento do “neurastênico” marido, que às vezes se quedava ignorado a um canto dos salões em que sua mulher centralmente brilhava — disse-me quem várias vezes os acompanhara, Fernanda de Castro; e a própria carta alude ao “ar não se importa” que Raquel Bastos viu nele. Mas é evidente que isso não “explica” tudo. Sabe-se por exemplo que também

uma irmã de Correia Dias se suicidou. Cecília Meireles revela na carta uma singular incompreensão do drama do marido, embora adiante algumas explicações, como a traição dos amigos, ou a ingenuidade dele, e chega a querer que ele ressuscitasse (só) “para explicar porque fez isto”. Mas será que ele próprio saberia? O curioso é que Cecília acompanhou a “doença” do marido, e pôde pensar em soluções ou hipóteses de “cura”. Numa carta escrita um mês antes do suicídio, dizia ela: “Sabe que cheguei a pensar em arranjar qualquer coisa nas colônias para o Fernando? — Porque ele aqui está ficando cada vez mais desambientado; as suas fases de doença determinam dificuldades cada vez maiores de trabalho” (carta, inédita, a José Osório de Oliveira, de 20 de Outubro de 1935). Em certo momento, Cecília usa de uma severidade a roçar a indignidade. É quando escreve: “há muitas mortes por detrás dessa morte. E não foi apenas um suicídio: foi também um assassinato”. “Muitas mortes”... “um assassinato” — compreende-se o ilogismo e o resto em face da dor que persistia a um mês e meio de distância, e da sensação de impotência perante a “fatalidade”, e das dificuldades que antevia com três filhas a criar. A indignidade associava-se à trágica indignação contra o destino: “tenho uma infinita pena de mim; da minha infantilidade; da minha inocência”; “não se é nada, em nenhum destino, nem no nosso”; “tudo está previsto, fixo”. Cecília desde muito cedo se habituara a conviver com a morte, já antes desta se tornara de algum modo uma “criatura sem

raízes na terra”, mas nunca se vira numa situação tão brutal. Apesar do pessimismo a respeito da sua própria sobrevivência (afinal reencontraria um amor feliz, e viveria até 1964), não deixa de prever circunstâncias favoráveis e de revelar alguma determinação a respeito da sua obra, traduzida até pela ironia: “Eu sou demasiado honesta, como dizia o outro, para morrer antes de cumprir um contrato...”

Esse “contrato” viria a cumpri-lo, e bem, para bem de todos os que a lêem. O que ficou por cumprir foi o seu propósito de ordenar os papéis de Fernando Correia Dias, de organizar um museu com os seus trabalhos, de editar os seus estudos. Até hoje, pouco ou nada se fez no Brasil e em Portugal para honrar a memória de um artista, que, não sendo dos maiores certamente, era um artista de verdade.

Mas registem-se as confissões de amor da púdica Cecília (“dando-me, dando-me, dando-me infinitamente”, “eu o amei sobre todas as coisas”). E registre-se a importância que ela dava aos amigos portugueses (não os ricos da colônia carioca...), que na verdade souberam apoiá-la como família “que o perigo reúne”.

Resta dizer que o original da carta está em meu poder e integra o lote de cerca de 5 dezenas de cartas de Cecília Meireles que adquiri em 1967, vendido por Raquel Bastos, então já viúva, e a viver também um momento difícil. E resta dizer ainda que actualizei (e aportunizei) a ortografia e desenvolvi as abreviaturas.

Diogo<sup>1</sup>, Manuel Mendes<sup>2</sup>, Montalvor<sup>3</sup>, Osório<sup>4</sup> e Raquel<sup>5</sup>:

*Todos os dias querendo escrever a V. V. E sempre impossível!*

*Primeiro, eu estava completamente tonta. Que lbes poderia dizer? Depois, doente, preocupada com mudança, inventário, e mil outras coisas, fiquei sem tempo para mais nada. Mas pensava sempre em V. V., os<sup>6</sup> desse grupo, e outros aí de Portugal que vieram à minha dor como se fôssemos realmente toda uma família meio dispersa que o perigo reúne por uma intuição do espírito, maior que a do sangue.*

*Faço esta carta-circular porque não tenho força para escrever a cada um isoladamente. Levei um mês sem dormir nem comer. Sustentada por palavras e remédios. E sem nenhum interesse pela vida. Fazer o quê, — depois disto? Nem amar vale nada, então? Os amigos daqui, como V. V., dizem-me coisas: que é preciso viver, que eu tenho as crianças, que tenho a arte... A arte! Que importa! As crianças... — ah! não se é nada, em nenhum destino, nem no nosso. Se fôssemos, o Fernando não faria o que fez. Porque eu levei 13 anos sobre essa tragédia, tentando dominá-la, — e dando-me, dando-me, dando-me infinitamente, sob todas as formas, num sacrifício contínuo a um destino que estava sempre adivinhando. Que adiantou? Que a fatalidade se retardasse? Nem isso. Tudo está previsto, fixo e há um ritmo inexorável. E quando penso na minha consciência de tudo que de grave se suspende em redor de mim e dos que amo; quando reflico na resignação com que espero o que está para acontecer; e no desprendimento em que vivo perante a certeza dos meus insucessos, — pergunto, que teria sido feito de mim, neste momento, se a minha formação não fosse esta, uma vez que tudo isso não impediu o quase total desmoronamento da minha vida. E digo quase como pelo medo de assustá-los um pouco. Estou, ainda, por aqui. (Até quando?!) Mas estou muito pouco. Menos do que antes, que já era quase nada. Em todo caso, sorrindo para V. V., despedida já para qualquer instante.*

*Sobre o caso da cadeira de Estudos Brasileiros<sup>7</sup>, de que me fala o Osório, — seria certamente uma possibilidade interessante, mas a minha situação, no momento, não é a pior possível (quanto às finanças) embora assim se possa tornar de um momento para outro. Para V. V. não se preocuparem com isso, passo a relatar-lhes o que há. Do Departamento de Educação recebo 800\$ e da Universidade<sup>8</sup> 1.600\$. Isso faz 2.400\$ mensais, que dão para pagar as dívidas e ir vivendo. Apenas, a Universidade está para ser fechada a cada instante, desde que uma reviravolta política produziu a queda do Anísio<sup>9</sup>, arrastando diretores da Faculdade e professores, supostos «avançados» demais para a época. Eu nada tenho a ver com essas coisas, mas a mudança de professores da esquerda ou centro para outros de extrema direita pode produzir deslocamentos por outras conveniências que não as de ordem técnica. Nesse caso, talvez eu fosse atingida. E teria então de pensar em arranjar a vida de outra maneira. Mas o grupo educacional a que estou filiada creio que não permitiria o meu sacrifício sem protesto. Estou fazendo um curso realmente interessante, que serve de disciplina às minhas ideias e sentimentos. Mais do que um meio de ganhar dinheiro, ele é uma forma de me manter na vida por mais algum tempo. (Eu sou demasiado honesta, como dizia o outro, para morrer antes de cumprir um contrato...) O contrato vai até Abril, — quando se espera a chegada dos professores franceses que o Afrânio<sup>10</sup> andou escolhendo. Veremos então o que acontece.*

*A Universidade foi, para mim, a última esperança de pôr em ordem a vida. Tantos projectos que fiz, acerca do Fernando, quando alcancei esse cargo! Secretamente, toda a minha actividade se destinava a modificar-lhe a vida, tão perturbada por doença e pessimismo. Fiz todos os cálculos nesse sentido. Imaginei coisas. Inventei surpresas, pequenas felicidades, tímido êxito. E foi sobre esse mundo de sonho e medo, que andei sonhando para ele, que a sua precipitação se desencadeou violentamente. Ah! quando penso nisso (e penso-o a todo o instante) tenho uma infinita pena de mim; da minha infantilidade; da minha inocência.*

*V. V. vêem: há muitas mortes por detrás dessa morte. E não foi apenas um suicídio: foi também um assassinato.*

*Posso eu viver muito tempo (tudo acontece); pode a minha existência tomar os mais inesperados rumos (sei lá!) — mas esta noção da inutilidade humana; esta indiferença pela esperança, este desapego da lógica farão de mim cada vez mais uma criatura sem raízes na terra, prescindindo de tudo, e à mercê dos acasos que a queiram transportar. Falo como quem viveu 13 anos abolindo pouco a pouco todas as contingências. Como quem foi deixando de querer, uma por uma, todas as coisas que os outros acham necessárias, e se limitou a viver do sonho já sem acção e sem palavra, com o amor reduzido a um êxtase e a um símbolo, eternizando um instante do passado mais desejado que vivido. Mas pairava sobre essa renúncia um grande sentimento do universal, divinamente aceite. Queria que fosse sempre assim, até o fim. Até o fim natural. Nem o meu heroísmo serviu para nada. Então, para quê viver?*

<sup>1</sup> Diogo de Macedo (1889-1959); escultor, historiador e crítico de arte, foi director do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Cecília, que em 1951 se hospedou em sua casa e de Eva (a casa dos "Dioguevas"), dedicou-lhe o poema "Canção do menino antigo" de *Viagem* e fez o seu elogio no belo texto em prosa "Meu amigo Diogo", publicado na revista *Ocidente*, LVI, 1959, pp.283-289.

<sup>2</sup> Manuel Mendes (1906-1969) foi ficcionista, crítico e escultor.

<sup>3</sup> Luís de Montalvor (1891-1947); poeta e historiador, deixou o seu nome ligado à fundação de revistas como *Orpheu*, que terá idealizado no Brasil, e *Centauro*, e à editora Ática.

<sup>4</sup> José Osório de Oliveira (1900-1964) passou parte da infância no Brasil, para onde emigraram os seus pais, Paulino de Oliveira e Ana de Castro Osório, e onde em 1923 conheceu vários modernistas, de que se tornou grande divulgador em Portugal, assim como da literatura brasileira em geral. Foi por essa altura que escreveu numa revista carioca um artigo sobre Cecília, a ponto de poder vangloriar-se mais tarde: "E fui eu, de facto, o primeiro a dizer aos Brasileiros que tinha surgido uma grande poetisa no Brasil" (*A Poesia Moderna*, Coimbra Editora, 1942, p. 16). Embora a carta nomeie outros destinatários, o primeiro dos quais é Diogo de Macedo, foi, como se deduz de um parágrafo final, enviada para o endereço de José Osório de Oliveira, em cujo espólio a fomos encontrar, juntamente com outras cartas de Cecília para ele e para Raquel Bastos. Cecília dedicou-lhe o poema "Memória" de *Vaga Música*, bem como *Amor em Leonoreta*, também dedicado a seu irmão João de Castro Osório.

<sup>5</sup> Raquel Bastos (1903-1984) foi cantora lírica (soprano) e escritora. Casou com José Osório de Oliveira em 1930. Cecília dedicou-lhe o poema "Obsessão de Diana" de *Mar Absoluto* e endereçou-lhe cartas e bilhetes.

<sup>6</sup> No original vem, por lapso, "o".

<sup>7</sup> Trata-se da Cadeira de Estudos Brasileiros que funcionava na Faculdade de Letras de Lisboa desde 1923, primeiro regida por Oliveira Lima e depois por Manuel de Sousa Pinto, que morreu em 7 de Junho de 1934.

<sup>8</sup> Universidade do Distrito Federal, criada em 1935, onde Cecília foi convidada a leccionar Literatura Luso-Brasileira e, em seguida, Técnica e Crítica Literária.

<sup>9</sup> Anísio Teixeira (1900-1971); foi Director Geral da Instrução e Secretário de Educação no antigo Distrito Federal, de 1931 a 1935.

<sup>10</sup> Deve tratar-se de Afrânio Peixoto (1876-1947), que foi director de escolas e professor de Direito, e que em 1932 passou a ensinar História da Educação no Instituto do Rio de Janeiro.

Endereço:  
Avenida Atlântica, 466 - apto 53  
Rio de Janeiro

Por favor, avisar comunicas em relação a este endereço

Rio - 6 - Janeiro de 1936

Dido, M.ª Mentes, Montalvo, Ottoni e Rafael:

Foto os dias quando escrever a V.V. É sempre impossível! Primeiro, eu estava completamente forte. Que isto poderia dizer? Depois, inventa, presunção com mudança, inventaria, e um / outros coisas, fiquei sem tempo p<sup>o</sup> mais nada. Mas pensam sempre em V.V., o de seu propósito, e outros ai' de Por que? que nos dá a' vida d'ôr como si fossemos realmente toda uma família mais dispersa que o perigo reúne por uma intuição do espírito, maior que a do sangue.

Faz esta carta - circular porque não tenho força p<sup>o</sup> escrever a cada um isoladamente. Deixei um mês sem dormir nem comer. Sustento tudo por paleros e remédios. É sem nenhum interesse pela vida. Talvez o quê, depois disso? Nem amar vale nada, estas? Os amigos daqui, como V.V., dizem-me coisas: que é preciso viver, que eu tenho as crianças, que tenho a arte... A arte! Que importa! As crianças... ah! não se é nada, em nenhum destino, nem no nosso. Si fossemos, o Fernando não teria o

*Não quero que V. V. fiquem tristes com esta carta. Que adiantam, essas considerações? Eu, por mim, aceito tudo. Mas dói-me o mal que o Fernando se fez. Às vezes, eu não acredito. Parece-me que estamos apenas à distância. Que ele chegará, logo mais. Mas eu o vi. E revolta-me estar viva, tendo-o visto assim. Ah! decididamente, não se morre de dor! Tive de vir para longe, com as crianças — pobrezinhas! Tomei um apartamento na praia, em Copacabana, onde se pode descansar um pouco entre a montanha e o mar. Estou sozinha com as pequenas, e uma amiga que me acompanhou em tudo isto. Mas sinto que necessito ficar ainda mais só. A solidão tem sobre mim um grande poder. Purifica-me. Exalta-me, interiormente.*

*Tenho-me dedicado a pôr em ordem os papéis do Fernando, e pretendo organizar um museu com os seus trabalhos e talvez publicar em breve os seus estudos sobre arte marajoara, com as magníficas ilustrações que ele deixou.*

*A Fernanda de Castro<sup>11</sup> escreveu-me muito aflita e falou-me em publicar um livro meu. Não sei que livro é. Parece-me que a sua intenção seria facilitar-me recursos de qualquer espécie, calculando as minhas dificuldades. E agradeço-lhe muito. Mas, a ter de publicar, preferia fosse outra coisa que não o que está aí — podendo até fornecer desenhos do Fernando para ilustrar a edição. Ela me ofereceu os préstimos de pessoa da Colónia, para qualquer caso difícil. Mas... a Colónia foi sempre tão pouco generosa e compreensiva com o Fernando que eu não lhe quero dever nenhum favor. Refiro-me à Colónia do dinheiro, — porque os portugueses sem dinheiro (eles e todas as nacionalidades) sempre foram bons camaradas, grandes admiradores e amigos fiéis.*

*Recebi a conferência<sup>12</sup>. Edição lindíssima. O texto não merecia tanto. Que é que V. V. querem que eu faça com tudo isto?! O Osório que me mande, por favor, a lista das pessoas a quem devo mandar exemplares e, se possível, o teor da dedicatória... (Peço-lhes que me digam também de que papel preferem o exemplar, que eu não quero causar desgostos.) Os amigos a quem tenho mostrado a edição ficam maravilhados. É uma propaganda espantosa de Portugal.*

*Estou com vontade de escrever agora um livrinho sobre a viagem<sup>13</sup>. Talvez com um nome assim «Lembrança» — para recordar o passeio com o Fernando por essas terras, e o que pensávamos os dois (se é que se pode saber o que alguém pensa...) — um livro meio imaginário, sem lugares certos nem monumentos nacionais, nem figuras de nenhum partido. Voo dormido sobre Portugal, com alguma visão inexacta. O contrário dos outros livros de viagem, que dizem tudo direitinho.*

*Depois darei mais notícias. Estive em férias 15 dias. Mas amanhã volto à Faculdade. Tenho muito que trabalhar e a saúde é a mais vacilante possível. Agora mesmo vou ao médico. Pouco adianta, — porque, sobretudo, me falta vontade de viver. Consinto em viver mais algum tempo, — para deixar em ordem estas coisas. Mas o impulso, mas o gosto de respirar e de sentir o corpo firmemente caminhar pela terra...! ah...*

*A Raquel diz que gostava daquele «ar não se importa» do Fernando... Eu gostava do seu desinteresse por certas coisas; mas foi o ar «não se importa» que o matou. Ele viu a vida com uma simplicidade que ela não tem. Passou de leve pelos amigos, sem se dar conta. Dedicou-se aos que nunca o entenderam nem amaram, — apenas o aproveitaram. Por estes sacrificios muito. E nenhum deles agora me apareceu. Andou sempre um pouco longe da verdade, à força de detestar a mentira. (Porque a verdade tem uma aparência mentirosa, também.) Teve tudo nas mãos. E não soube fazer nada com o que tinha. Eu queria que ele ressuscitasse, para me explicar porque fez isto. Porque eu o amei sobre todas as coisas, e não o entendi completamente, nem servi de nada, no único instante em que vale a pena servir a alguém.*

*Peço a V. V. todos que me desculpem esta carta imensa e triste... É como se estivesse conversando com V. V. todos, aqui perto. Escrevam-me quando puderem. Sobre outras coisas. Como antigamente. Façamos de conta que a vida é a mesma. Nem creio que venha a mudar. Agradeço tudo: as notícias, os livros, as revistas. O pessoal de Coimbra também tem sido tão camarada<sup>14</sup>!*

*Peço ao Osório que incluía entre os destinatários desta carta a Dulce<sup>15</sup> e o marido. Não lhes posso escrever por enquanto. Esquecia-me de dizer ao Diogo que talvez venha a precisar do seu oferecimento. Mas só em último caso, e mais tarde. Por questões de inventário, caso seja preciso fazer uma transacção com a parte que cabe às meninas, a fim de poder agir com tudo em conjunto, com maior vantagem para elas. Depois escreverei com mais vagar. Saudades a todos. Com a maior amizade,*

*Endereço<sup>16</sup>.  
Avenida Atlântica, 466 - Apº. 53  
Rio de Janeiro*

Cecília

*Peço ao Osório comunicar aos amigos este endereço*

<sup>11</sup> Fernanda de Castro (1900-1994) escreveu livros de poemas, de memórias, de teatro e de literatura infantil. Esteve pela primeira vez no Brasil em 1922, onde foi encontrar-se com António Ferro, que seria o responsável pela vinda de Cecília a Portugal, em 1934.

<sup>12</sup> Trata-se certamente de *Batuque, Samba e Macumba*, separata do *Mundo Português* (com desenhos ou ilustrações da própria autora), não de *Notícia da Poesia Brasileira*, conferência que também foi editada em Portugal no mesmo ano de 1935, mas sem ilustrações nem requinte gráfico.

<sup>13</sup> A viagem a Portugal em 1934, a convite do Secretariado de Propaganda Nacional, inspirou a Cecília algumas prosas e poemas, incluindo um *Cancioneirinho de Moledo de Penajóia*. Mas não chegaria a publicar o "livrinho" anunciado, embora tenha publicado em jornal crónicas da "viagem para Portugal".

<sup>14</sup> Esta frase e as seguintes foram escritas verticalmente na margem da última e da penúltima páginas da carta.

<sup>15</sup> Dulce Lupi Osório de Castro (1905-1977), mais conhecida com o nome de Maria Valupi, com que publicou vários livros de poemas. Cecília dedicou-lhe o "Romanzinho" de *Vaga Música* e um poema "Para a Dulce", publicado por Fernando Cristóvão na *Colóquio - Letras*, n.º 66, Março, 1982, e no livro *Cruzeiro do Sul, a Norte* (Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, pp. 521-522), juntamente com duas longas cartas de Cecília para a mesma Dulce, que era da família de José Osório de Oliveira e tia do poeta António Osório.

<sup>16</sup> Este endereço e a frase que o acompanha foi escrito verticalmente na margem da primeira página da carta.

